

DIÁRIOS DE BORDO NA AVALIAÇÃO EM EAD

ITAJAI - SC - Maio 2015

Christiane Heemann – UNIVALI – cheemann@univali.br

Elisa Correa Santos Townsend – UNISC - elisacorrea@mx2.unisc.br

Classe: Experiência Inovadora (EI)

Setor Educacional: Educação Superior

Classificação das Áreas de Pesquisa em EAD

Nível Meso – Gerenciamento, Organização e Tecnologia: Gerenciamento e Organização

Natureza do Trabalho: Relatório de Estudo Concluído

RESUMO

A avaliação integra o processo de ensino e aprendizagem e sempre possui espaço para discussão nos processos de ensino, exigindo preparo técnico e capacidade de observação por parte dos envolvidos. Os métodos de avaliação ocupam um espaço bastante importante no conjunto de práticas pedagógicas, pois avaliar não pode ser um ato que expresse somente um conceito formal e quantitativo. Na Educação a Distância (EAD), a avaliação formativa também precisa ser priorizada e assim fugir da avaliação tradicional realizada por meio de testes de múltipla escolha e com autocorreção. A utilização de diários de bordo na EAD mantém como foco de avaliação o processo e não somente o produto, configurando-se como uma orientação permanente de aprendizagem, tanto para o professor como para o aluno, que assumem, solidariamente, compromissos recíprocos. O presente trabalho apresenta reflexões feitas em diários de bordo por três estagiárias acerca de sua prática profissional em um curso de graduação a distância pela Universidade Aberta do Brasil (UAB) como forma de avaliação formativa em EAD.

Palavras-chave: EAD; avaliação formativa em EAD; diários de bordo.

1- Introdução

O tema avaliação continua sendo uma questão polêmica no meio acadêmico, gerando inúmeros debates e discordâncias. Por se tratar de um procedimento primordial na seleção e no desenvolvimento dos alunos, avaliar o desempenho e o conhecimento de um indivíduo requer um planejamento de métodos e ferramentas que servem como subsídio para os critérios da avaliação. Na visão de Perrenoud (2004), a avaliação da aprendizagem é um processo mediador na construção do currículo e se encontra relacionada intimamente à gestão da aprendizagem por parte dos alunos. Os métodos de avaliação ocupam um espaço bastante importante no conjunto de práticas pedagógicas, pois avaliar não pode ser um ato que expresse somente um conceito formal e quantitativo. A avaliação, para Primo (2006), deve se caracterizar como uma interação mútua e valorizar o trabalho autoral e cooperativo dos alunos. No entanto, “a avaliação pode funcionar como diagnóstico ou como exame; como pesquisa ou como classificação, como instrumento de inclusão ou de exclusão; como canal de ascensão ou como critério de discriminação” nas palavras de Romão (2005, p. 133).

A avaliação formativa, como o próprio nome diz, tem como objetivo formar o aluno, auxiliando-o ao longo do desenvolvimento do curso e servindo como uma importante ferramenta de estímulo para o estudo. É importante que o aluno tenha feedback do que vem realizando, o que está bom e o que pode ser melhorado, comentários acerca do seu nível de aprofundamento no assunto estudado, possíveis desvios da abordagem, inexatidão de conceitos, inadequação de atitudes, orientando o processo de ensino e de aprendizagem. Esse tipo de avaliação é basicamente um orientador dos estudos e esforços dos professores e alunos no decorrer do processo de aprendizagem. Na visão de Perrenoud (2000), a avaliação formativa situa-se numa perspectiva pragmática e não tem nenhum motivo para ser padronizada; o principal objetivo é auxiliar cada um a aprender sob uma lógica de resolução de problemas.

Desta forma, a avaliação formativa supõe um acompanhamento individualizado, pois cada aluno tem características diferentes, ritmos diversos, necessidades específicas, desvios da aprendizagem singulares. Isto é, não pode ser usada a mesma receita igualmente para todos; mas, por outro lado,

um professor sozinho muitas vezes não consegue dar conta de singularizar a avaliação do aluno.

Quando falamos em avaliação na Educação a Distância (EAD) parece que este tema se torna ainda mais obscuro. O uso que fazemos das tecnologias de informação e comunicação (TIC) revela o nosso fazer pedagógico e desta maneira não pode contrariar o nosso entendimento do que é ensinar, aprender e avaliar. Silva e Cilento (2014) sugerem que nós professores possamos reinventar as práticas docentes classicamente construídas entre quatro paredes. Para que isso aconteça, o professor deve “estar inserido no contexto da cultura digital, desenvolvendo atitudes, modos de pensamento e práticas comunicacionais interativas no ciberespaço” (SILVA; CILENTO, 2014, p. 208). Nesse sentido, inserimos a EAD como uma oportunidade formativa capaz de viabilizar a educação permanente, permitindo que o aluno, como sujeito do processo educativo, reconstrua o seu saber com base em suas próprias experiências: “(...) temos que romper com o equívoco de que avaliar é apenas examinar. Avaliar é processo, e como tal deve ser organizado em várias etapas que se auto-organizam a partir do movimento produtivo dos seus aprendentes.” (SANTOS, 2006, p. 317).

As avaliações formativas não são pontuais e são realizadas ao longo do curso e não apenas no fim; são processuais e devem estar presentes em toda a ação pedagógica. Dentre as estratégias de avaliação formativa em EAD, Mattar (2013) sugere a avaliação de projetos, com portfólios, fóruns de discussão, e indicamos aqui o diário de bordo. A utilização de diários de bordo na EAD mantém como foco de avaliação o processo e não somente o produto, configurando-se como uma orientação permanente de aprendizagem, tanto para o professor como para o aluno, que assumem, solidariamente, compromissos recíprocos. Ademais, em função da existência de um grande número de cursos da área de Educação na modalidade EAD, temos a intenção de contribuir para a reflexão acerca da necessidade de uma avaliação formativa em cursos a distância; em vista disso, este artigo objetiva apresentar as reflexões feitas em diários de bordo por três estagiárias em um curso de graduação a distância pela Universidade Aberta do Brasil (UAB) como forma de avaliação formativa em EAD.

2- A EAD e a avaliação formativa

Avaliar o conhecimento e o desempenho dos alunos requer um bom planejamento de métodos e das ferramentas que irão subsidiar a avaliação. No caso da EAD, as TIC se fazem presentes, fornecendo instrumentos que facilitam o planejamento dos professores. As TIC trouxeram novas oportunidades para os alunos interagirem com os colegas, professores, e conteúdo em cursos a distância (VAUGHAN, 2010). Na EAD, “é preciso criar dispositivos para avaliar a aprendizagem, a partir da rede de conexões, visto que os sujeitos estão geograficamente dispersos.” (SANTOS e ARAÚJO, 2012, p. 104).

Grande parte dos cursos a distância se utiliza da Internet na concepção instrucionista (MATTAR, 2013), quando são disponibilizados conteúdos para serem lidos e estudos que depois serão avaliados por meio de testes objetivos; ou seja, estará sendo avaliado apenas o produto final. Esta é uma “pseudo-inovação reduzindo as novas possibilidades abertas pelo uso das tecnologias à simples otimização das práticas tradicionais” (NEVADO et al. 2002, p. 67). Não é possível avaliar a construção do conhecimento empreendida pelo aluno com testes objetivos. Para Mattar (2013), os testes de múltipla escolha são a solução encontrada para a avaliação em cursos de EAD quando a avaliação é feita de maneira impessoal, não levando em conta o processo de caminhada desse aluno, de reflexão acerca das opções e os dilemas na sua tarefa ao conhecimento. O ensino online, não diferentemente do ensino presencial, também precisa desenvolver no aluno a reflexão, a autonomia, e o autoconhecimento. Ainda, o ensino a distância desenvolve no aluno a capacidade de expressão via escrita. Alunos em cursos a distância são capazes de discussões mais significativas em comparação com alunos em aulas tradicionais (VAUGHAN, 2010). É preciso que a EAD propicie estratégias de avaliação que permitam ao aluno desenvolver sua autoavaliação e registrá-la.

Em busca de uma proposta que realmente contribua para a formação de um aluno autônomo e protagonista de sua própria aprendizagem, concebemos a avaliação formativa como uma maneira de dar início a este processo, pois “trata-se de uma prática contínua realizada durante os processos de ensinar e aprender, objetivando a melhoria da aprendizagem

enquanto ela se realiza” (GRILL; FREITAS, 2010, p. 45). Na visão de Santos (2006)

A prática da avaliação formativa é um ato interativo no qual professores e estudantes negociam estratégias de produção de conhecimento que são constantemente analisadas em atividades de diagnóstico e planejamento constante de novas estratégias e tomadas de decisão, para que a aprendizagem seja de fato alcançada. (SANTOS, 2006, p. 320)

Assim, um curso de formação, principalmente de futuros professores, estará dando conta do aspecto prático da profissão na medida em que possibilitar o exercício em situações experimentais de determinadas habilidades consideradas primordiais como necessárias ao bom desempenho docente.

3- Diários de bordo

O diário de bordo é concebido neste trabalho como uma ferramenta assíncrona de avaliação, um meio de pesquisa e prática pedagógica bem como uma interface para a avaliação formativa na EAD. Avaliação formativa é um ato interativo, pois cada sujeito que é avaliado deve também ser um sujeito que pode e deve avaliar (SANTOS, 2006). Nos diários de bordo, os alunos registram suas observações, situações que se destacaram tais como procedimentos que funcionaram bem ou não, estratégias desenvolvidas, participação, interesses, angústias, frustrações, dificuldades e dilemas (SANTOS e ARAÚJO, 2012). Os diários são um instrumento magnífico para identificar quais questões são dilemas para cada professor e ele vai enfrentá-los. Lendo os diários, podemos ver, algumas vezes com clareza e em outras nas entrelinhas, quais são os dilemas que mais preocupam determinado professor, quais as situações da dinâmica de sua aula que se transformam em momentos dilemáticos e como esse professor raciocina e vive a resolução desses momentos (ZABALZA, 2003).

4- Reflexões das alunas

Este trabalho é ilustrado pela reflexão realizada por três alunasⁱ do Curso de Licenciatura em Letras-Inglês pela UAB na disciplina de Estágio Supervisionado III, cujo objetivo é a formação de professores de Inglês, visando ao pleno exercício de suas atividades docentes, mediante o

desenvolvimento de atitudes pedagógicas reflexivas e investigativas, tendo por base o princípio de que a formação do educador é um processo contínuo. As reflexões foram extraídas dos diários críticos e reflexivos que deveriam ser escritos até 24 horas após a aula ministrada (estágio obrigatório) em uma escola pública. Dentre as práticas avaliativas utilizadas, o diário de bordo foi um dos instrumentos utilizados com o objetivo de fazer com que esse professor em formação refletisse sobre sua própria prática profissional, seus dilemas, e que suas ponderações também contribuíssem para sua reflexão acerca de sua aprendizagem e o processo de construção de um futuro profissional de línguas estrangeiras. O referido curso de graduação pode ser caracterizado como semipresencial (em inglês *blended learning*), pois prevê a combinação de aprendizagem a distância com encontros e avaliações presenciaisⁱⁱ; ou seja, uma combinação de “tijolos e cliques”ⁱⁱⁱ (BLEED, 2001 apud VAUGHAN, 2010), melhorando assim os resultados dos alunos que estudam a distância.

A seguir trechos dos diários das alunas (doravante chamadas de estagiárias) foram selecionados com o intuito de evidenciar a reflexão feita a partir da prática como educadoras e professoras de Inglês em formação. As estagiárias refletem sobre a sua prática em sala de aula, como agir com os alunos e o que fazer para conseguir uma melhor participação deles na aula, constituindo a reflexão sobre a ação que posteriormente deve modificar a próxima ação.

É isso que o estágio proporciona – momento de perceber e refletir sobre aquilo que queremos fazer, fizemos e devemos fazer (Ana). NÓVOA (2001) corrobora com o pensamento de Ana ao afirmar que os primeiros anos do professor são decisivos para o futuro de cada um deles e para a sua integração harmoniosa na profissão. Eu acho que realizar uma atividade de cada vez, sempre corrigindo antes de passar para a próxima facilita bastante a compreensão dos alunos. (...) Deve-se buscar um maior esforço cognitivo por parte dos alunos para a realização das atividades. (...) para as próximas aulas, seria interessante trabalhar com os alunos mais estratégias de leitura e compreensão do texto. (...) Eu acredito que é necessário buscar a participação efetiva de todos os alunos na aula, seja chamando a atenção de quem não está trabalhando ou auxiliando os que precisam de ajuda. (Bia). O professor, na visão de NÓVOA (2001), precisa, entre outras, ter a competência de ser um

organizador de aprendizagens, que orienta o seu aluno, fazendo com que tire mais proveito do momento da aprendizagem.

Ana, por ser mais experiente, revela segurança quando afirma ter vontade de voltar para a aula seguinte. Ela sabe que está no caminho certo. Para Pimenta e Lima (2006) “a profissão docente é uma prática social, ou seja, como tantas outras, é uma forma de se intervir na realidade social, no caso, por meio da educação que ocorre, não só, mas essencialmente nas instituições de ensino” (p. 11). *Um dos alunos, ao final, veio até mim e disse: “Professora, como digo ‘bom fim de semana’ em inglês?” Respondi: “Have a nice weekend!”. Ele disse: “Have a nice weekend, professora!”. Isso me fez pensar na vontade que tenho de voltar. (Ana)*

As estagiárias refletem sobre o papel do professor e o desempenho em sala de aula. Assim, as estagiárias vão desenvolvendo a sua própria ação, mantendo um constante ir e vir entre os que sabem e os que não sabem, entre o que têm de fazer e o que podem fazer, entre o que experimentaram anteriormente e a necessidade de introduzir inovações no momento atual, entre o que haviam previsto realizar e o que as condições de cada momento parecem aconselhar. É nesse contexto de incertezas, segundo Zabalza (2003), que os dilemas aparecem. (...) *como é bom, nas andanças pela sala de aula, perceber quão diferentes são os alunos: uns ativos, tentando; outros, passivos, à espera. E, nesse contexto, mais um papel do professor: provocar reações. (...) Eu, como professora, não fico satisfeita quando não atinjo todos os alunos (Ana). Um ponto positivo da aula foi que muitos alunos se esforçaram para utilizarem as expressões aprendidas na aula introdutória, as quais estão fixadas na parede da sala. Acredito que o objetivo da aula tenha sido cumprido (Bia).* ^{iv}*In my opinion, I reached my learning objectives in this class (...). But I asked myself: How many students could I reach?? It’s a difficult answer...* (Carla)^v. A esse respeito, Zabalza (2003) esclarece que os dilemas fazem parte da vida cotidiana nas salas de aula e transformam-se em desafios para a profissão, podendo constituir espaços de aprendizagem profissional.

O exercício constante de refletir, investigar e escrever pode se apresentar como uma promissora possibilidade de desenvolver boas práticas pedagógicas na medida em que o simples fato de pensar sobre o que está sendo feito pode ser um passo importante para qualificar a própria prática

docente. *Estas reflexões são muito válidas para a minha vida profissional no magistério, pois são situações que ocorrem com muita frequência na sala de aula (Bia). I'm aware that I couldn't do even the half of what I had planned in my lesson plans to teach them. Anyway, I guess I did a decent job and at least [I reached] some of them (Carla)^{vi}. Besides that, I could be aware of my potential as an English teacher (Carla)^{vii}.* A autorreflexão ocorre a partir de um processo de olhar para trás e de não esquecer o que foi aprendido. Mezirow (1991 apud PALLOFF e PRATT, 2002) reporta-se a este tipo de aprendizagem como um processo no qual é utilizada uma interpretação anterior para revisar ou criar uma interpretação de experiências que vão orientar ações futuras.

Considerações Finais

A avaliação, não somente na aprendizagem a distância, mas também na presencial, deve ajudar o aluno a desenvolver graus mais complexos de competências cognitivas, habilidades e atitudes, possibilitando alcançar os objetivos estabelecidos. A avaliação deve ser um processo contínuo que possibilite ao aluno refletir sobre a sua aprendizagem. A avaliação, além de ter como finalidade o fornecimento de informações sobre o processo pedagógico que permite ao professor definir as mudanças necessárias no projeto educativo, tem o papel também de conceber o aluno como um ser social e político que precisa desenvolver sua capacidade crítica sobre seus atos e experiências, tornando-se sujeito de seu próprio desenvolvimento. Assim, a avaliação não pode ater-se a um momento único na vida do aluno, mas sim ser um processo contínuo e concebido como um instrumento de transformação e mudança bem como os próprios resultados dessa avaliação não podem ser vistos apenas sob a perspectiva de atender as exigências de um determinado curso.

Quanto às tecnologias de informação e comunicação, não basta usá-las em práticas presenciais, semipresenciais ou a distância; “é fundamental perceber suas potencialidades e construir um planejamento flexível, colaborativo e de fato interativo, no qual as autorias sejam valorizadas, compartilhadas, historicizadas” (SANTOS e ARAÚJO, 2012, p. 116). Há a necessidade de se formar professores que reflitam sobre a sua prática, pois a reflexão promove o desenvolvimento do pensamento, da ação e do

desenvolvimento profissional. A utilização de diários como estratégia de avaliação na EAD pode contribuir para outros cursos a distância no sentido de ser um instrumento capaz de reorganizar a aprendizagem, colaborando para o desenvolvimento do aluno.

Dessa maneira, o professor passa a ser visto como sujeito que constrói seus conhecimentos profissionais a partir de sua experiência e saberes através de sua compreensão e reorganização alcançados pela interlocução entre teoria e prática. Tal ideia pode ser vista nas palavras de Carla que pressagia poder rever suas palavras escritas no diário e tomar como um aprendizado para a vida profissional : (...) *so that I can read anytime what I'm writing right now and remember what was going through my mind and my heart (Carla)*^{viii}.

Notas de rodapé

ⁱ Ana, com experiência como professora; Bia, alguma experiência como professora; e Carla, com nenhuma experiência na área do Magistério (os nomes foram trocados para manter o anonimato das participantes).

ⁱⁱ Conforme Portaria MEC 4059/04.

ⁱⁱⁱ Em inglês, "bricks and clicks".

^{iv} As reflexões de Carla serão traduzidas em nota de rodapé visto que a aluna escreveu seu diário de bordo em Inglês e optamos por manter o original sem correções.

^v Em minha opinião, eu atingi meus objetivos de aprendizagem nesta aula (...) Mas me perguntei: Quantos alunos eu consegui atingir? É uma resposta difícil ...

^{vi} Estou ciente de que eu não poderia fazer nem a metade do que eu tinha planejado em meus planos de aula para ensinar-lhes. Enfim, eu acho que eu fiz um trabalho de decente e, pelo menos, eu atingi alguns deles.

^{vii} Além disso, eu poderia estar ciente do meu potencial como professora de Inglês. Tenho muitos aspectos para melhorar se tiver que ensinar em um contexto de escola pública.

^{viii} (...) para que eu possa ler a qualquer hora o que estou escrevendo agora e lembrar o que estava passando pela minha mente e meu coração.

Referências

GRILLO, M.; FREITAS, A.L.S. Autoavaliação: por que e como realizá-la? In: M.C.GRILLO, R.M. GESSINGER (ed.) **Porque falar Ainda em Avaliação?** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010. p. 45-49.

MATTAR, J. **Avaliação em Educação a Distância**. Vídeo do youtube. 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IHL6hvlICJU>. Acesso em 06 abr 2015.

NEVADO, R.A. et al. Um recorte no estado da arte: o que está sendo produzido? O que está faltando segundo nosso subparadigma. **Revista Brasileira de Informática na Educação**, v.1, n.10, p. 61-68, abr. 2002.

NÓVOA, A. **Entrevista concedida para Salto para o Futuro**. 2001. Disponível em:

http://www.tvbrasil.org.br/saltoparaofuturo/entrevista.asp?cod_Entrevista=59. Acesso em 06 abr 2015.

PALLOFF, R.M.; PRATT, K. **Construindo Comunidades de Aprendizagem no Ciberespaço**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

PERRENOUD, P. **Dez Novas Competências para Ensinar**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2000.

_____. **Os ciclos de aprendizagem**. Um caminho para combater o fracasso escolar. Porto Alegre: Artmed Editora, 2004.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. Estágio e Docência: diferentes concepções. **Revista Poíesis**, v. 3, n. 3-4, p. 5-24, 2006.

PRIMO, A. Avaliação em processos de educação problematizadora online. In: SILVA, M.; SANTOS, E. **Avaliação da aprendizagem em educação online**. São Paulo: Loyola, 2006. p. 109-121.

ROMÃO, José E. **Avaliação dialógica: desafios e perspectivas**. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2005.

SANTOS, E. Portfólio e Cartografia Cognitiva: dispositivos e interfaces para a prática da avaliação formativa em educação online. In: M. SILVA; E. SANTOS. **Avaliação da Aprendizagem em Educação Online**. São Paulo: Edições Loyola, 2006. p. 315-331.

SANTOS, E.; ARAÚJO, M.M. Como avaliar a aprendizagem online? Notas para inspirar o desenho didático em educação online. **Educfoco**, v.17, n.2, p.103-119, 2012.

SILVA, M.; CILENTO, S.A. Formação de Professores para Docência Online: considerações sobre um estudo de caso. **Revista da FAEBA – Educação e Contemporaneidade** – Salvador, v. 23, n. 42, p. 207-218, jul/dez 2014.

VAUGHAN, N. Blended Learning. In: CLEVELAND-INNES, M. F.; GARRISON, D. R. **An Introduction to Distance Education**. New York: Routledge, 2010. p. 165-197.

ZABALZA, M. Os dilemas práticos dos professores. **Pátio: revista pedagógica**. Ano VII, n. 27, agosto/outubro de 2003.